

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



A CULTURA DA NOBREZA

VOLUME 19, 1998

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JOSÉ SEBASTIÃO DA SILVA DIAS E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DA CULTURA COMO SABER HISTÓRICO*

Senhora Dr^a. Maria da Graça Silva Dias
Senhor Representante do Magnífico Reitor
Senhor Representante do Presidente do Conselho Directivo da
Faculdade de Letras
Senhor Presidente do Conselho Científico
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Em Setembro de 1975, há vinte e dois anos portanto, os membros do recém-criado Instituto de História e Teoria das Ideias preparavam-se, sob a orientação do Professor Silva Dias, para iniciar a sua actividade docente e de investigação num novo quadro institucional.

Ao homenagear hoje o Professor Silva Dias, ligando o seu nome ao Instituto por ele fundado, o Instituto de História e Teoria das Ideias regride a esse tempo pioneiro, vivido ainda por alguns dos seus actuais membros, assumindo, mais uma vez, o legado por ele deixado. Mas tem igualmente a consciência de não poder resgatar por completo a dívida de gratidão pela herança recebida.

José Sebastião da Silva Dias teve um percurso singular. Da sua biografia consta uma licenciatura em Direito na Universidade de Coimbra (1941), na sequência da qual prosseguiu em Lisboa, durante quase duas décadas, uma carreira em diversos organismos estatais, sobretudo nas áreas da assistência social e da justiça, estreitamente associada à sua formação jurídica. Pôde ainda conciliá-la com a actividade jornalística desenvolvida em vários jornais e revistas quer portuguesas, quer brasileiras. O regresso a Coimbra, em 1958, corresponde a uma viragem importante na sua vida. Respondendo afirmativamente a um convite da Faculdade de Letras para reger a cadeira de "História da Cultura Portuguesa", reorientará as suas

* As palavras que se seguem foram proferidas pelo Director do Instituto de História e Teoria das Ideias na cerimónia de inauguração da "Sala Silva Dias" na Faculdade de Letras, realizada a 19 de Setembro de 1997 no âmbito das I.^{as} Jornadas de História das Ideias.

energias para as tarefas da docência, da investigação e da gestão universitárias. Em 1961, ano em que assume a direcção do "Seminário de História da Cultura Portuguesa", é-lhe concedido o grau de Doutor em Filosofia. E prestadas as provas para professor agregado em 1969, prosseguirá a sua carreira académica no ano seguinte como professor catedrático de Filosofia. Envolvido activamente nos acontecimentos dos pós-25 de Abril, não se furta a assumir funções directivas na Faculdade a que pertencia. No ano seguinte, funda o "Instituto de História e Teoria das Ideias" e dois anos depois, em 1977, é publicado, sob a sua direcção, o primeiro número da *Revista de História das Ideias*, revista que pretendia dar corpo ao dinamismo científico do Instituto que criara e da qual comemoramos também hoje a saída de mais um volume. 1979 é o ano do seu regresso a Lisboa. Convidado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, aí regerá várias disciplinas, assumindo, no ano seguinte, a presidência da Comissão Instaladora da mesma Faculdade. Aí dará igualmente sequência ao seu trabalho anterior — com a fundação do "Centro de História da Cultura" e da revista *Cultura. História e Filosofia* — até à sua jubilação ocorrida a 9 de Fevereiro de 1986.

Percurso singular, dissemos. Na realidade, a sua formação não fazia prever uma especial preparação ou vocação para o tratamento de temas culturais. No entanto, essa apetência afirmara-se já no seu primeiro período lisboeta, e tornara-se visível com a publicação, em 1952, da sua primeira grande obra, *Portugal e a Cultura Europeia (Sécs. XVI a XVIII)*. Foi certamente a projecção por ela alcançada e o conhecimento de que Silva Dias continuava as suas investigações no campo cultural que desencadearam o convite que lhe seria dirigido pela Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra.

A inexistência de uma História da História da Cultura em Portugal não possibilita ainda conhecer em toda a sua extensão o papel nela desempenhado por José Sebastião da Silva Dias. Mas este momento parece-nos oportuno para uma reflexão sobre o significado da alteração institucional evocada no início, que se prende precisamente com a criação do "Instituto de História e Teoria das Ideias". Não se veja nela qualquer atitude de apropriação em relação à figura do Professor Silva Dias. Se centramos a nossa atenção no seu segundo período coimbrão é por pensarmos que ele nos dá, melhor do que outros, a verdadeira dimensão da sua importância para a evolução da historiografia portuguesa.

Quando Silva Dias iniciava, em 1958, a regência da cadeira de

"História da Cultura Portuguesa", a história da cultura, enquanto disciplina autónoma, acabara de dar entrada na Universidade. Fora, na realidade, no ano anterior, que se assistira à criação de quatro cadeiras de história da cultura no âmbito dos novos cursos de História e de Filosofia. Ao acompanhar o desaparecimento do curso de "sciências históricas e filosóficas", esta criação visava, de algum modo, manter alguns elos temáticos entre ambos os cursos no momento da sua separação. Mas num meio historiográfico pouco aberto aos temas culturais, tal facto correspondia à colocação da nova disciplina sob o signo da história da Filosofia. De facto, foi nesse contexto que a história da cultura se inseriu, como o comprova todo o trajecto académico do Professor Silva Dias.

Neste particular, Silva Dias limitava-se a dar continuidade a uma tradição onde seria indesculpável não mencionar a figura do Professor Joaquim de Carvalho. Uma figura que, registamos a coincidência, se tinha "transferido" igualmente do Direito para a Filosofia. Desconhecemos se se tratava de uma tradição apenas coimbrã. O facto é que a história da cultura não aparecia apenas vinculada a autores com formação jurídica ou filosófica. Numa altura em que Silva Dias preparava o seu *Portugal e a Cultura Europeia*, era publicada a *História da Cultura em Portugal*, de António José Saraiva, um autor formado em Filologia Românica. E também aqui Saraiva se limitava a integrar-se no grupo de investigadores que haviam chegado já à história da cultura a partir da sua formação literária. Era, aliás de ambas estas vertentes, a filosófica e a filológica, que chegavam as colaborações pedidas pelos historiadores quando necessitavam do tratamento de temas culturais nas histórias de Portugal que dirigiam. Um terreno em que o estatuto de dependência da historiografia era evidente.

Ora, pela acção desenvolvida na Faculdade de Letras a partir dos anos sessenta, Silva Dias, unindo de um modo mais estreito a História da Cultura à História, preparava-se para pôr termo a esta dependência. A evolução nesse sentido ter-se-á verificado já no âmbito do "Seminário de Cultura Portuguesa", que dirigiu a partir de 1961, e onde começou a fazer escola agregando à sua volta um grupo de docentes provenientes quer do curso de Filosofia, quer do curso de História. Tratava-se de um ponto de passagem para o passo em frente dado, em 1975, com a criação do "Instituto de História e Teoria das Ideias".

Do ponto de vista da evolução da historiografia portuguesa, o

momento parece-nos capital. Com ele institucionalizava-se a integração da história da cultura no âmbito historiográfico, com o consequente alargamento das fronteiras do território a explorar pelo historiador. Três anos depois, a reforma de Sottomayor Cardia consagrava a nova situação, visível nos títulos das cadeiras nucleares do curso de História: "História Económica e Social", "História Institucional e Política" e "História Cultural e das Mentalidades". A novidade é que esta passava finalmente a ser assumida como saber próprio pelo historiador, encontrando-se a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra devidamente preparada para poder responder à significativa alteração então verificada. Ao lado da obra do Professor Silva Dias, será o papel decisivo por ele desempenhado nesta viragem que será lembrado, estamos em crê-lo, pelas gerações vindouras.

Não é este o momento indicado para percorrermos todas as facetas da sua personalidade como docente e investigador: as suas capacidades de gestão e organização quer administrativa, quer científica, a aptidão para fazer escola, a persistência, probidade e qualidade da sua investigação. Sobre esta pronunciaram-se já colegas mais qualificados e poderemos ter uma ideia da obra que nos deixou revisitando o núcleo mais importante dos seus estudos, que se encontra exposto no Instituto por ele fundado. Mas não podemos deixar de lembrar o pioneirismo da sua escola na abordagem do séc. XIX; a preocupação revelada pela divulgação das múltiplas investigações que orientou — através da sua publicação pelo "Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra"; e, finalmente, o seu próprio gosto pela investigação, revelado pela constância com que foi produzindo pesquisas de vulto entre 1952 e 1984, algumas das quais mereceriam ainda hoje uma divulgação mais ampla. Sobre esta sua actividade, em entrevista publicada em 1985, diria, não sem alguma ironia: "Durante os anos sessenta, andei às voltas com as leituras marxianas de Gramsci e Lukács. Descobri, em simultâneo, a escola de Francfort. Acima de tudo, reflecti intensamente sobre a minha experiência e consciência do real histórico e na possibilidade de acesso dos saberes culturais à qualificação de ciências rigorosas. E assim, lenta mas progressivamente, avancei para a conclusão de que o conhecer compreensivo-comunicativo, a que os 'cientistas' do sector empírico-analítico chamavam as 'ciências do paleio', estava de facto a converter-se num conhecimento científico". Converter o "paleio" em ciência não era tarefa de pequena monta. E

o contributo de José Sebastião da Silva Dias não poderá ser esquecido na história da História da Cultura em Portugal.

Todas as facetas mencionadas deram certamente o seu contributo para imprimir à acção do Professor Silva Dias a direcção acima evocada. Mas perante esta acção, se a reflexão que efectuámos merecer algum crédito, a nossa conclusão só pode ser paradoxal. No momento em que fundava o "Instituto de História e Teoria das Ideias" José Sebastião da Silva Dias adquiria uma dimensão que o levava a transcender largamente os limites do novo espaço de docência e investigação universitárias que criara. Por isto estamos certos de que não estamos sós nesta homenagem. Connosco estarão seguramente aqueles que, mais ou menos episodicamente, trabalharam sob a sua orientação, as instituições que beneficiaram da sua presença, a comunidade historiográfica portuguesa e todos os que, de uma maneira ou de outra, reconhecem a importância da sua obra.

Terminamos com agradecimentos. Ao Conselho Directivo e ao Conselho Científico desta Faculdade, que tornaram possível esta homenagem. Ao Magnífico Reitor e à Dra. Maria da Graça Silva Dias, que nos honraram com a sua presença.

António Resende de Oliveira